



Voz do Santuário

ÓRGÃO OFICIAL DO SANTUÁRIO DE NOSSA SENHORA DAS PRECES

PROPRIEDADE DA IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DAS PRECES • TELEFONE 912 DE GALIZES • DIRECTOR E EDITOR PADRE MÁRIO OLIVEIRA DE BI

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO ALDEIA DAS DEZ • OLIVEIRA DO HOSPITAL • COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA DE COIMBRA, L.D.A. • LARGO DE S. SALVADOR, 1-5 • COIMBRA • TELEF.

AMEN A PALAVRA MAIS PEQUENA

O que se diz das palavras pode aplicar-se igualmente à vida. Todos os actos, os gestos que tecem uma existência não têm todos o mesmo valor. Gestos para cumprir, de adorno. Atitudes que acompanham, preparam ou elaboram actos nobres. Estes por sua vez, são de pouca duração: alguns minutos, uns segundos. Todavia resumem geralmente um conjunto de actos, um período da vida, ou mesmo a vida.

Entre estas palavras, entre estes actos, figuram e fulguram, em todas as línguas, estas AMEN — SIM. AMEN: o prestígio desta palavra não deriva do facto de ela se encontrar como aleluia, em todos os textos litúrgicos.

AMEN geralmente termina um texto. Constitue a sua conclusão. Qual é essa conclusão? É SIM. Não assim seja, um desejo, mas assim é, é assim, nós manifestamos o nosso assentimento, dizemos que sim.

OS AMEN DA VIDA

Sim a quê?

Não somente a um Credo, a uma lista de coisas para crer, de pontos de doutrina para rectificar só pela inteligência. O amen da fé cristã é um Amen vivo, é um sim que diz respeito a abranger toda a vida dum cristão.

Amen, sim, a Deus que entra na minha vida: é o amen do baptismo:

Amen, sim, a Cristo, Amen a este alimento, a esta carne que eu aceito para comer, é o sim da Eucaristia.

Amen a Cristo Redentor que nos salva, que nos perdoa nos resgata: é o amen do sacramento da penitência que significa: eu creio que ofendi a Deus, creio que ele recebe o meu arrependimento, creio que me perdoa e me resgatou; Sim, Amen, eu entro na corrente da graça, no circuito cristão.

O Ámen da vida cristã é a história duma alma que ouviu o chamamento de Deus. O primeiro sim, tímido, encerrado no homem por uma camada de trevas deve abrir caminho através das nossas paixões, aninha-se no fundo do nosso coração, perde-se nas encruzilhadas das nossas preocupações terrenas, do nosso egoísmo dos nossos desfalecimentos, para desaguar por fim na planície dos nossos compromissos, das nossas responsabilidades cristãs, tomadas com toda a lucidez e com toda a coragem.

Tal é o sim do cristão. Há o ámen da fé; o ámen da esperança, o Ámen do amor divino.

Nunca acabaremos de dizer sim. Nunca terminaremos de crer. Nunca terminaremos de amar.

Nós somos capazes de dizer sim a Deus, até mesmo o morrer é dizer sim à vida eterna.

NOSSA SENHORA E A IGREJA

É só um nosso mediador, segundo as palavras do Apóstolo: Porque há um só Deus, também há um só mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, verdadeiro homem, que se ofereceu em resgate por nós.

A função maternal de Maria para com os homens, de nenhum modo obscurece diminui esta mediação única de Cristo, antes mostra qual a sua eficácia. Na verdade todo o influxo salutar da Santíssima Virgem em favor dos homens não é imposto por nenhuma necessidade intrínseca, mas sim por livre escolha de Deus e dimana da superabun-

dância dos méritos de Cristo, funda-se na sua mediação, dela depende absolutamente e dela tira toda a sua eficácia e longe de impedir, fomenta ainda mais o contacto imediato dos fiéis com Cristo.

A Santíssima Virgem, predestinada desde toda a eternidade, no desígnio da encarnação do Verbo divino, para Mãe de Deus, foi na terra, por disposição da divina Providência a Mãe do Redentor divino, mais que ninguém sua companheira generosa e a humilde escrava do Senhor. Concebendo Cristo, gerando-O, alimentado-O, apresen-

tando-O no templo ao seu Pai, sofrendo com seu filho que morria na cruz, Ela cooperou de modo absolutamente singular — pela obediência, pela fé, pela esperança, e pela caridade ardente — na obra do Salvador, para restaurar a vida sobrenatural das almas. Por tudo isto, Ela é nossa Mãe na ordem da graça.

A maternidade de Maria Santíssima, na economia da graça, perdura sem cessar, desde o consentimento que ela prestou fielmente na Anunciação e manteve sem vacilar ao pé da cruz, até à consumação de todos os eleitos. De facto, depois de elevado ao céu, não abandonou esta missão salutar, mas pela sua múltipla intercessão, continua a obter-nos os dons da salvação eterna. Com seu amor de Mãe, cuida dos irmãos de seu Filho, que ainda peregrinam e se debatem entre perigos e angustias, até que sejam conduzidos à Pátria feliz. Por isso a Santíssima Virgem é invocada na Igreja com os títulos de Advogada, Auxiliadora e Medianeira. Mas isto deve entender-se de modo que nada tire nem acrescente à dignidade e eficácia de Cristo, Mediador único.

A igreja não hesita em atribuir a Maria uma função assim subordinada; sente-a até continuamente e recomenda-a ao amor dos fiéis, para que apoiados nesta protecção maternal eles se unam mais intimamente ao Mediador e Salvador.

(Continua na página 2)

(Continua na página 4)

O reinado do Sagrado Coração de Jesus

O SS.^{mo} Coração de Jesus disse a St.^a Margarida Maria:

Abençoarei os lugares onde a imagem do meu Coração for exposta e venerada.

O uso e propaganda da imagem do Coração de Jesus, são, não só por si, um grande e verdadeiro apostolado de mais alcance do que à primeira vista parece.

Foi o próprio Salvador que determinou como o haviam de representar. Escolheu os símbolos que deviam acompanhar essa imagem.

A esta representação ligou uma graça de estado, a graça preciosíssima de convencer os homens de quanto os amou e ama, provocar neles o desejo de O amarem e repararem dos grandes ultrages que recebe dos homens ingratos ao seu amor.

Um coração a arder em chamas de amor!... Um coração cercado de espinhos que os ho-

mens lhe cravam com a mais negra ingratidão!...

Um coração a escorrer sangue de uma larga ferida pelo seu amor aos homens e sempre desejoso de os lá receber a todos!... Encimado pela Cruz, onde Ele deu a vida pela salvação da humanidade!...

Quem contemplar esta imagem com fé e amor, não pode ficar insensível: esforçar-se-á para que Ele seja amado por todas as criaturas do mundo!...

Nunca é tarde para aprender...

Carmén Perez Rosales, de 86 anos, aprendeu a ler em três meses e é a estudante mais aplicada da escola que frequenta em Ceuta — anuncia a Imprensa.

A anciã, que é viúva, e tem três filhos, todos eles a trabalhar em França, decidiu aprender a ler e a escrever para poder corresponder-se com eles sem intermediários.

MESSAGEIRO PAROQUIAL DE SANTIAGO

Com um número especial de dez páginas festejou a sua entrada no décimo ano da sua publicação.

Parabéns e um grande abraço ao incansável P.^o Artur Gouveia seu director.

O Sr. D. Francisco Rendeiro NOVO BISPO COADJUTOR DE COIMBRA

No dia 6 de Fevereiro o Sr. D. Francisco Rendeiro, novo Bispo Coadjutor de Coimbra entrou solenemente na nossa diocese, tendo sido recebido por muitos milhares de pessoas, não

só à sua chegada a Pombal, como no percurso e ao entrar na Sé Nova de Coimbra.

Voz do Santuário sauda Sua Exc.^a Rev.^{ma} e faz votos por um longo e fecundo apostolado.

Assinaturas pagas da VOZ DO SANTUÁRIO durante o mês de Janeiro

Com 10\$00 pagaram os Senhores:

Joaquim Gonçalves Pereira, Oliveira do Hospital.

José Nunes da Fonseca, Avelar.

D. Aida Diniz Luisa, Lisboa.

Alfredo Pereira de Moura, Vendas de Galizes.

D. Beatriz Pereira da Costa, Vendas de Galizes.

Afonso Dias, Aldeia das Dez.

António Ventura, Coimbra.

Adelino Marques da Fonseca, Alvôco de Várzeas.

Manuel Mendes Sazes, Aldeia das Dez.

Carlos Alberto Figueiredo Diniz, Aldeia das Dez.

José Augusto Madeira, Aldeia das Dez.

Delfim João Freitas da Silva, Avô.

Graciano Martins, Chão Sobral.

D. Maria Lyce de Castilho Costa, Lisboa.

D. Maria do Céu Garcia, Aldeia das Dez.

Apolinário R. Barros, Monde.

Com 12\$50 pagaram os Senhores:

Serafim Marques da Fonseca, Gramaça.

Cipriano dos Santos, Goulinho.

D. Olga Luisa Dinis, Lisboa.

Com 20\$00 pagaram os Senhores:

Dr. Agostinho Pires de Brito, Lagares da Beira.

António Loureiro, Coimbra.

Rosa de Campos Andrade Teixeira, Lisboa.

D. Gracinda Castanheira, Lisboa.

Cónego João Antunes da Costa, Lagos da Beira.

Francisco Mendes Dinis, Oliveira do Hospital.

Dr. Carlos Gomes, Oliveira do Hospital.

Fernando Gonçalves Pereira, Moura da Serra.

Fernando Guilherme Duarte Naves, Lisboa.

José Lourenço Marcelino, Meãs.

D. Lídia Pereira Carvalho Alves, Pinheiro de Côja.

Evaristo Marques dos Santos, Lisboa.

Alfredo Varela Pinto, Oliveira do Hospital.

Com 30\$00 pagou o Sr. José de Moura, América do Norte.

Com 40\$00 pagaram os Senhores:

P.^e António Marques Freire, Tábuia.

Emílio Augusto Figueira, Lisboa.

Com 50\$00 pagou o Sr. Dr. Vasco de Campos, Avô.

ooOoo

E mais nada, de mais ninguém, e nós sem vintém.

Amigo Leitor, já viu se o seu nome consta da lista dos que pagam?

Não se esqueça de que a vida do jornal está a ficar muito difícil, muito cara. É preciso que todos os assinantes sejam cumpridores.

Graças a Deus muitos são pontualíssimos; outros esquecidíssimos. Aos primeiros os nossos agradecimentos muito sinceros; aos segundos as nossas lembranças para que se lembrem de nós.

Para a Senhora das Preces — A senhora Maria das Dores Diniz, de Aldeia das Dez e residente em Lourenço Marques, enviou para a Senhora das Preces 100\$00 em cumprimento de uma promessa.

— A Sr.^a Maria da Purificação residente em Lisboa mandou 20\$00 para Santa Eufêmia.

— O Sr. João Antunes Freire, de Sarzedas, pagou a Voz do Santuário e mandou mais 5\$00 para a Senhora das Preces.

PELO SANTUÁRIO

No dia 25 de Março, festa da Anunciação de Nossa Senhora, haverá na igreja da Senhora das Preces missa às 11 horas e sermão pelo Sr. Prior do Piódão.

Este ano vamos dar nova modalidade, para facilitar.

Haverá no dia 19 de Março confissões no lugar da Gramaça; nos dias 21, 22 e 23 em Aldeia das Dez; no dia 24 no Chão Sobral e no dia 25 na Senhora das Preces.

Condições de assinatura por um ano

A «Voz do Santuário» que se publica uma vez por mês tem duas categorias de assinantes:

Simples assinantes . . 10\$00

Assinantes benfeitores 20\$00

Para o estrangeiro . . 20\$00

Por

ALDEIA DAS DEZ

O relógio da torre está parado há cerca de dois meses, não sabemos se é defeito do relógio se é incompetência de quem cuida dele.

O relojoeiro, que há dois anos o arranjou, já cá veio e diz que sim senhor o relógio está bom e que trabalha, o que é preciso saber lidar com ele.

A propósito, não haverá por aí quem queira tomar conta dele? ou melhor, não haverá um bairrista, um aldeense generoso que queira oferecer um relógio novo? Eu sei onde se vendem e até sei o preço deles...

Se alguém nos quizer mandar um cheque de vinte e cinco contos arranja-se coisa boa, tanto em Almada, como em Braga.

— Já está terminada a colheita da azeitona e o azeite já está nas pias dos donos.

Não se esqueça de dar para a lâmpada do Santíssimo.

Não é só quem promete, que deve dar. Todas as famílias da freguesia devem dar um pouco do seu azeite para a lâmpada de Nosso Senhor.

— No dia 5 de Fevereiro faleceu a pequenita Maria Natália de Carvalho, de 18 meses de idade, vítima de doença grave. Era filha de António Bento de Carvalho e de Maria Adélia de Carvalho.

No mês de Setembro passado aos mesmos pais faleceu uma criança já de 6 anos.

Um filho que têm de 3 anos, é capaz de ter o mesmo caminho porque o pai é tuberculoso e pouco escrupuloso.

Quando em casa não há os cuidados precisos, não há remédios que curem, nem médico que sabe.

Confissões de desobriga — Na próxima Quaresma que começa no dia 23 de Fevereiro, com a quarta-feira de Cinzas, realizam-se como é costume as confissões de desobriga.

Este ano vamos dar nova modalidade, para facilitar.

Haverá no dia 19 de Março confissões no lugar da Gramaça; nos dias 21, 22 e 23 em Aldeia das Dez; no dia 24 no Chão Sobral e no dia 25 na Senhora das Preces.

Condições de assinatura por um ano

A «Voz do Santuário» que se publica uma vez por mês tem duas categorias de assinantes:

Simples assinantes . . 10\$00

Assinantes benfeitores 20\$00

Para o estrangeiro . . 20\$00

BULAS E INDULTOS

As bulas e indultos do ano passado terminaram a sua validade no fim do mês de Janeiro. Portanto, para se continuar a gozar dos privilégios que eles concedem, é preciso tirar novos indultos. Não se deve esperar pela Quaresma, nem pelos dias das confissões, mas devem ser tirados quanto antes.

O Sr. Arcebispo-Bispo de Coimbra acaba de publicar uma exortação Pastoral sobre os Indultos Pontifícios que continuam em vigor, assim como a lei da abstinência e do jejum, há muito preceituada, enquanto não forem dadas novas normas.

Nesse documento se recomenda aos fiéis que tomem os Indultos Pontifícios na forma do costume para gozarem das graças e vantagens que os mesmos garantem, além de, com sua esmola, concorrerem para as

grandes necessidades da Igreja nas Dioceses.

Diz o Venerando Prelado:

«O somatório das esmolas dadas — pequena penitência em substituição da abstinência e do jejum a que estamos obrigados como a maior parte dos fiéis do Mundo — tem sido aplicado às grandes necessidades gerais da Santa Igreja em Portugal.

A Igreja que é serva e pobre, reconheceu sempre humildemente a esmola como valiosa penitência voluntária. Assim foi mencionada, com fundamento na Sagrada Escritura, pelo Concílio de Trento: «O jejum, a esmola, a oração e outras obras de piedade são uma autêntica forma de penitência».

Mesmo que venha a ser profundamente alterada a lei geral da abstinência e do jejum e venham a desaparecer, pelo menos em grande parte, as graças concedidas pelos Indultos Pontifícios, uma coisa é absolutamente inegável e certíssima: — a da permanência das grandes necessidades gerais da Santa Igreja em Portugal, às quais se tem acudido, em não pequeno grau, com o produto da distribuição dos referidos Indultos Pontifícios. Esse produto em cada Diocese tem sido sempre dividido em três partes. Duas delas têm sido destinadas, na sua quase totalidade, a fazer face a muitas das enormes despesas que forçosamente acarreta a sustentação dos Seminários Diocesanos. Com essa receita, tão tradicional, acrescida de outras de várias proveniências, tem-se conseguido manter aquelas casas, de formação eclesiástica no mesmo nível em que têm vivido e, mesmo assim, ultimamente, com não pequenas dificuldades.

ANEDOTAS

Um sujeito vai visitar um hospital de doidos, acompanhado de um famoso cão da Terra Nova.

Um doido pacífico encontra-o no jardim, e pergunta-lhe:

— É seu este animal?

— Sim Senhor.

— Quanto gasta com ele diariamente?

— Sete, oito e até nove escudos.

— O que é este mundo! E estou eu aqui metido, enquanto o senhor anda a passear lá por fora!...

ooOoo

O «chauffeur» para o freguês:

— São nove escudos.

— Ó diabo! Só tenho oito escudos no porta-moedas.

— Bem, eu não posso ficar a perder! Ando para trás dez tostões.

O REINADO do Sagrado Coração de Jesus

(Continuado da página 1)

Toda a tragédia do Calvário se contempla na imagem do Coração de Jesus!...

Por isso todas as pessoas devem ter no seu quarto, na mesinha de cabeceira uma formosa imagem do Coração de Jesus, nas mesas de trabalho, nas oficinas, nos livros de estudo, e junto uma do Coração de Maria, nossa Co-redentora. Devemos possuí-las, olhar muitas vezes para elas, invocá-las com ardentes jaculatórias, e aprender as lições que elas nos dão. St.^a Margarida Maria tinha sem-

pre na sua mesa de trabalho uma imagem do Coração de Jesus. Era diante deste símbolo do amor divino, que ela quase sempre de joelhos lia, escrevia e trabalhava.

Havemos de a ter com amor e dedicação, porque o mesmo divino Coração o pede e a St.^a Igreja o recomenda para nos encher de graças e bênçãos. Devemos oferecê-la como recordação aos nossos amigos, aos doentes, aos pobrezinhos para que tenham sempre diante de si, este grande livro de meditação.

Para participar na Missa

DEVES:

* Chegar uns minutos antes da hora.

* Não ser um da multidão mas da Assembleia.

* Ouvir a proclamação da Palavra de Deus, em silêncio e com respeito.

* Responder ao celebrante, com voz clara.

* Cantar. Não esquecer que quem canta reza duas vezes).

* Fazer religioso silêncio esperando a vinda do Senhor à Eucaristia.

* Comungar.

Presença de Cristo no Matrimónio Cristão

NO NOIVADO — Cristo foi convidado pelos noivos de Caná. «Celebraram-se umas bodas em Caná... E também Jesus foi convidado com Seus discípulos» O primeiro milagre abençoa o amor dos noivos de Caná e consagra com a Sua presença os destinos do amor. Deus plantou no coração humano o sentimento sagrado do amor e Cristo consagrou-o com a Sua presença, dando importância ao amor conjugal no plano de Deus. A inclinação e atracção mútua de dois corações, entre homem e mulher, obedece a uma lei providencial de Deus. Quando Deus criou a mulher, diz o Génesis, que a criou para dar a Adão um auxiliar semelhante a ele. Há pois nos encontros de corações, de almas, entre homem e mulher, uma criação do que falta à natureza. E esses encontros de corações, de almas, em que se completam mutuamente homem e mulher vinculou Deus os destinos da vida. Cristo, presente no mistério dos homens a caminho de Deus, não pode faltar com a Sua presença santificadora no encontro daqueles que se procuram e se encontram para se unirem eternamente um ao outro. Os noivos cristãos têm de dar testemunho da presença de Cristo com o seu amor. Infelizmente, Cristo não é convidado para santificar, abençoar o amor do noivado cristão. E se o fosse, envergonhar-se-ia de comparecer com Sua presença no meio de tanto paganismo de tanta sujidade de alma, tanta e tão grande grosseria!

NA BODA PELO SACRAMENTO — Cristo está tão presente no Sacramento com a Sua Bênção, com as suas graças como o esteve nas bodas de Caná. Preside a essa cerimónia, como outrora em Caná. É o consagrante, o protector, o modelo dos dois corações. Só é autêntico casamento cristão aquele onde Cristo é o consagrante, o protector e o modelo. Assim como outrora abençoou os nubentes de Caná com o primeiro milagre, abençoará a todos os nubentes cristãos com a graça santificante, com as graças sacramentais necessárias para que as duas almas encontradas vivam eternamente unidas, para que os dois corações fundidos só se aperfeiçoem, se completem e floresçam na obra mais sublime da criação: na criação dos filhos. Há muitos casamentos onde Cristo não está presente. Não está presente no casamento civil. Não está presente com as Suas bênçãos no casamento de tantos noivos em pecado mortal! Não pode estar muito satisfeito embora esteja presente nesses casamentos onde abunda o paganismo nos costumes. Quanta alma suja em pano limpo no dia do casamento! Todo o cristão havendo recebido a vocação para a fé deve manter-se à altura da sua vocação no noivado, no casamento, na festa nupcial.

NA VIDA CONJUGAL — S. Paulo chama ao Matrimónio cristão «um sacramento grande». Grande, porque simboliza a união de Cristo com a Sua Igreja, a qual se faz pela graça. Grande, porque o marido deve amar a sua esposa com amor sobrenatural como Cristo amou a Sua Igreja; grande, porque o marido deve dedicar-se à sua esposa como Cristo se dedicou à sua Igreja, até dar a sua vida por ela; grande, porque dele brotarão os filhos como da Igreja nascem os cristãos. A vida conjugal será um contínuo encontro, cada vez mais íntimo, mais inefável de almas, de corações, se Cristo estiver presente com a Sua graça santificante. O Sacramento do Matrimónio é um sacramento de vivos e o estado matrimonial criado pelo Sacramento também é um estado de vivos. Sê-lo-á se Cristo estiver presente pela Graça Santificante! Cristo deve estar presente na vida do lar pela prática das virtudes de que fala a epístola. A caridade mútua entre os cônjuges será sempre presença sacramental de Cristo! Cristo estará presente onde houver oração em comum. «Onde se reunirem dois ou três em meu nome eu aí estou no meio deles». Com Cristo presente conseguir-se-á que quem ama não sofra; e, se sofrer, que até o sofrimento se transforme em amor.

CRISTO PRESENTE ABENÇOA, CONSAGRA OS DESTINOS DO AMOR!

Pelo sacramento do Matrimónio, sacramento da união, da caridade conjugal!

Pela caridade mútua através da qual a união abençoada nos aproxima cada vez mais do Senhor.

Todo o encontro do amor humano tem por dever principal conduzir um ao outro para Deus. O teu amor humano aproxima-te de Deus ou afasta-te d'Ele? Se te aproxima, Cristo está presente. Se te afastas, Cristo está ausente do teu amor.

JOAQUIM MONTEIRO

Dizem velhos manuscritos...

V — Um breve de indulgências concedidas aos romeiros de Nossa Senhora das Preces

1.º

TULIPAS NA SERRA

Também a minha terra natal tem as suas lendas e tradições que por fazerem parte integrante do seu património espiritual e moral, não devemos nunca esquecer.

Algumas delas, por tanto as ter ouvido referir em criança, qual tinta de marcar que só desaparece quando a roupa em que é posta for delida pelo tempo, ficaram gravadas na minha mente de forma imperecível.

Mas aí!... as coisas do espírito são hoje tão pouco lembradas que não estranharei que muitos dos meus conterrâneos as desconheçam totalmente.

Quem sabe se aqui vou contar, não será absoluta novidade para muitos, fogo já extinto para alguns e reminiscência grata para uns tantos?

Se assim for, Amigos, não se enfadem de o ler, para a fixarem bem e contem-na, depois, aos vossos filhos, para que estes a continuem no tempo.

Com a mesma simplicidade tocante e a mesma beleza encantadora com que a minha querida e saudosa Mãe ma contava, ao explicar a razão de uma faixa de flores roxas que em cada primavera se via na encosta Norte do Colcurinho e se estendia quase até à capelinha de Nossa Senhora das Necessidades, assim vo-la vou contar hoje.

Em certo dia, há já muitos séculos, uns pastoritos — quem sabe se do pequeno povoado do Colcurinho ou de Vale de Maceira — conduzidos, talvez, por meia dúzia de ovelhas que seus pais, de madrugada, lhes entregaram para apascentar nas matos, foram subindo serra acima até chegarem ao alto.

Lá, entre a terra e o céu, a 1.240 metros de altitude, já não chegava o barulho do povoado. Só o vento cortante da Serra da Estrela, farfalhando por entre a urze rasteira era seu companheiro.

Não os emocionava o vasto horizonte, largo de muitas dezenas de quilómetros que, em todos os sentidos, se desdobrava a seus pés; não sentiam eles já o esmagamento que aquela Natureza, máscula, mas bela, produz no «peregrino da serra» ao olhar, deslumbrado, a grandiosidade daquela beleza ímpar... Mas lá, mais perto de Deus os pastorinhos rezavam!...

E, quando mais embebidas estavam na sua prece, ouviram uma voz que os chamava... Era Nossa Senhora que estava diante deles e lhes ordenava que fossem a Aldeia e dissessem a todos os moradores que era sua vontade que se erigisse ali, no alto do monte, uma capelinha em sua honra.

Recebida a mensagem, todos acoraram em cumprir, o mais breve que podessem a ordem da Virgem.

Como, porém, alguém lembrasse que no alto do monte fazia sempre muito vento e talvez a Senhora lá tivesse muito frio, decidiram que a capelinha fosse feita, preferivelmente, em Vale de Maceira.

E assim se fez.

Construída a capela a imagem da Virgem foi colocada, desde logo, no seu altar.

Mas, no dia seguinte — surpresa das supresas! — a Senhora tinha desaparecido!

Imediatamente a procuraram por toda a parte e só depois de aturadas buscas a foram encontrar no alto do monte onde falara aos pastorinhos.

Trouxeram-na, amorosamente para a sua capela, mas, no dia seguinte, mais uma vez, Ela fugiu para o seu alto preferido.

Pela segunda vez a trouxeram para a sua capelinha; mas, no dia imediato, a Senhora, pela terceira vez, fugiu! Pressurosos dirigiram-se logo para o alto do Monte, onde já tinham a certeza Ela estar.

Mas, ao chegarem ao sítio onde hoje se ergue a capela de Santa Eufêmia e, ao olharem a encosta fronteira do cabeça, viram, com espanto, uma faixa de cor roxa que se estendia até ao cimo do monte.

Perante a maravilha que os seus olhos viam pela primeira vez, reconheceram a inutilidade dos seus esforços em quererem que a Senhora ficasse em Vale de Maceira e resolveram construir nova capela, mas agora, no sítio da aparição.

É que a Senhora havia chorado muito e cada lágrima sua que caía no chão era convertida em flor roxa.

Desta forma quiz a Virgem não só assinalar, para sempre, o caminho que seguia na sua ascensão ao monte, mas principalmente, dizer aos homens que a sua vontade era ficar lá no alto.

Era assim que minha Mãe costumava responder-me quando, em pequeno, eu lhe perguntava o que era aquela «estrada» de flores roxas que, habitualmente, em cada primavera se via pela encosta do cabeça e ia até ao alto.

2.º

ROMEIRO DA SENHORA

Como não há fumo sem fogo, nem cinza sem que antes uma fogueira tivesse ardido até se extinguir, julgo que a lenda acabada de narrar deve ter uma origem histórica ou, pelo menos, ligar-se a uma tradição que será, por assim dizer, a razão da sua existência através dos séculos.

Embora não respeite a cronologia dos factos, ela narra acontecimentos de um passado já bastante remoto.

A sua base histórica é, sem dúvida, o aparecimento da Virgem no alto do Colcurinho no recuado ano de 1371, segundo uma tradição que se manteve através dos tempos e que uma inscrição, gravada num velho cruzeiro, registou, cruzeiro que, por 1900, suponho ainda existir, embora já bastante mutilado.

Ora tal acontecimento, pelo que tinha de maravilhoso, não se havia confinado apenas ao pequeno povoado de Aldeia das Dez e aos povoados satélites dele, mais ultrapassou a ribeira de Alquete e o rio Alva, para breve se espalhar por toda a Beira até Viseu, Guarda e Coimbra.

E a serra do Colcurinho inóspita, árida e solitária, ia de ali em diante converter-se em serra santa e em local de peregrinação.

A tradição não se perdeu, antes se ia arreigando, mais e mais, à medida que os anos e os séculos iam dobando no novelo do tempo.

Assim, em 1712, já Frei Agostinho de Santa Maria, no seu *Santuário Mariano* podia afirmar que «a devoção do povo foi crescendo, dia a dia e houve necessidade de edificar uma casa [igreja] muito grande e capaz de entrarem todos». E acrescenta ainda o mesmo autor que tiveram de construir-se «muitas casas de romagem

onde os devotos e peregrinos descansam».

Em 1758, o cura Manuel Antunes Pereira, num documento datado de 6 de Junho e que foi transcrito no artigo I desta série, dizia que o adro do Santuário «era assás pequeno para os grandes concursos que muitas vezes ha».

Em 1790, o cura Paulo da Fonseca na informação que prestou acerca de um requerimento em que se pede licença para trocar uma horta da capela da Senhora das Preces por outra terra pertencente a Antonio José de Matos Pereira, afirma:

«Mandando-se juntar a instituição da mesma capela ede clarar quem visita a mesma, digo que a capela de que se faz menção não é capela de missas que se instituiu em tempo algum, mas sim um santuário onde se acha colocada a imagem de Nossa Senhora com a invocação das Preces, venerada pela maior parte dos povos deste Bispado, do de Viseu e Guarda desde o tempo que excede a memória dos vivos; a qual capela, ou Santuário possui as terras e fazendas que lhe ficam contíguas e juntamente a horta de que se trata no dito requerimento que servem como de fundo e património da mesma capela, cujas contas toma o Dr. Visitador quando visita esta paróquia».

Quer dizer: a tradição da aparição da Virgem no Alto do Colcurinho torna-se uma certeza e as peregrinações que se faziam anualmente, qual bola de neve rolando da montanha sobre a planície, iam aumentando sucessivamente em romeiros.

Os votos eram inúmeros, as promessas que se faziam e ali se iam cumprir eram incontáveis e as esmolas que os peregrinos deixavam eram avultadas!

Por isso, não admira que já nos meados do século XVII, a pequenina capela, inicialmente construída agarrada ao casal de Vale de Maceira desse lugar à «grande casa» que hoje ainda ali existe.

O próprio casal cresceu; e os 5 fogos que nele havia em 1527 eram já 19 em 1885 com 81 habitantes!

Ora, o cura Paulo da Fonseca vinha, desde há muito, notando o crescente aumento de peregrinos que de longes terras se deslocavam para orar à Virgem no seu próprio monte do Colcurinho e conhecia bem as duas provas a que a sua fé os submetia ao cumprir as promessas que a dor lhes tinha ditado e cujo cumprimento era, por vezes, superior às suas forças físicas.

É que desde 1734 em que completou 6 anos até 1780 em que caminhava já no plano inclinado da vida, teve sobejo tempo para estabelecer um confronto entre o que viu em criança e o que via, então, numa cidade já madura.

Na sua mente estava ainda nítida a impressão sentida em criança, ao ver passar durante quase todo o dia de sábado inúmeras romeiros que, vindos de Cerdeira, Anceriz, Benfeita, etc., faziam caminho pelo seu Goulinho, ao dirigirem-se para o Vale de Maceira onde, no dia seguinte — Domingo de Pentecostes — se realizava, em honra da Virgem, a maior festa de todo o ano da freguesia e a maior também de todas as Beiras.

Não se contenta, porém, o pequeno Paulo de ver este movimento desusado apenas na sua terra. Ele quer ver mais!

Por isso, subia ao alto que coroa o Goulinho pelo Norte e olhava para a Lomba da Costa, por onde um for-

(Continua na 4.ª página)

ASSIM VAI A NOSSA ASSISTÊNCIA

Andamos a pôr em ordem as contas do Centro de Assistência referentes ao ano findo de 1965.

Por elas se vê que as despesas do Posto Médico foram 19.864\$50 quase vinte contos.

Só em remédios gastamos perto de nove contos.

Para as despesas do Posto Médico recebemos dos sócios de Aldeia das Dez apenas a quantia de 4.480\$00.

As despesas da Creche foram perto de 25.000\$00, vinte e cinco contos.

As despesas do Patronato foram perto de 15.000\$00.

presidir a todos os trabalhos e canseiras e a dizer: deixai vir a mim as criancinhas, os pobres e todos os que precisam; 2.º a generosidade de alguns amigos de dentro e muito especial, de fora da freguesia. A todos queremos renovar os nossos agradecimentos.

Muitas famílias de Aldeia que vivem fora da freguesia, ainda não marcaram a sua presença, nem nos deram a honra da sua ajuda.

A obra de assistência que estamos realizando merece o cari-



Um grupo de crianças da Creche. Como vêem, já parece que são gente.

Fazendo a soma, vê-se que as despesas todas andam perto de 60 CONTOS.

Nestas contas não estão incluídas as despesas da cultura da propriedade das Tapadas, que é da Assistência, nem estão incluídas as despesas com as obras novas da ampliação da casa da Assistência.

Verifica-se que dentro da pobreza do nosso viver e da modestia dos nossos recursos, alguma coisa se tem feito. Os números falam e os olhos que passam, ou nos visitam, podem ver.

Queremos aqui anotar dois pontos; 1.º a bênção do Sagrado Coração de Jesus que é um milagre permanente. Lá está a

nho de todos e precisa da sua ajuda.

Quando todos quiserem, poderemos fazer mais e melhor

O QUE NOS DÃO

O Sr. José Pinto, residente em Aveiro, enviou-nos uma caixa de medicamentos.

— O Sr. Armando Nunes Baila, do Porto de Mós, entregou-nos 100\$00 para as crianças.

— A Sociedade de Produtos Lácteos «Nestlé», ofereceu-nos 3 caixas com embalagens de Fortifex, farinha própria para as crianças da Creche.

Os nossos agradecimentos.

Batismo em Lisboa

No dia 25 de Dezembro passado, e na igreja de Penha de França, em Lisboa, recebeu o Santo batismo o menino José António de Campos Teixeira, filho de José Albino Teixeira e de Rosa de Campos Teixeira, naturais do lugar do Parente da freguesia de Alvôco de Várzeas e residentes em Lisboa.

Foram padrinhos o Sr. Diamantino Dias Andrade Bailão e a Sr.ª D. Maria Floripes de Campos Andrade, também naturais do lugar do Parente.

Esta não está má

Segundo refere «O Século», do passado dia 7, o coveiro de Cem Soldos (Tomar) afixou um edital da sua autoria na porta do cemitério com os seguintes dizeres:

«Avisa-se o pessoal que o Coveiro aumentou os covatos para os adultos de 15 anos para cima são de 100\$00, para crianças de 13 anos para baixo 50\$00. Isto não é caso obrigatório quem quizer que as fassa já sabe quanto tem de pagar e quem não quizer é favor que as fazer que é dinheiro que ganham que eu para mim já estou farto é bom que quem quizer que as fassa não venha discutir preço porque não vale a pena fassam-nas que é dinheiro que ganham e quem não quizer que não venha cá».

«O Alfarelense»

Entrou no 5.º ano de vida este nosso colega que se publica mensalmente e é «Órgão da Família Paroquial de Alfarelos». Ao começar o *Ano Novo* apresentou *Cara Nova*, publicando uma linda edição impressa a cores.

Cumprimentamos o seu Director sr. Padre Alfredo Amado Rodrigues, desejando a «O Alfarelense» as melhor prosperidades.

Anedota

— Que tens, homem, que andas furioso?

— Se te parece! Como sabes, gosto imenso de beber o «whisky» puro...

— Bem sei. E então?

— Pois sempre que vejo um copo de «whisky», fico com água na boca!

**Leia, Assine
e Propague**

«Voz do Santuário»

NOSSA SENHORA E A IGREJA

:: CONCLUSÃO DA PRIMEIRA PÁGINA ::

A Santíssima Virgem encontra-se também intimamente unida à Igreja, pelo dom e cargo da maternidade divina que a une com seu Filho Redentor, e ainda pelas suas graças e prerrogativas singulares: a Mãe de Deus é figura da Igreja na ordem da fé, da caridade e da perfeita união com Cristo. De facto, no mistério da Igreja, a qual também com razão se chama virgem e mãe, à Santíssima Virgem pertence o primeiro lugar, por ser de modo eminente e singular como virgem e como mãe. Pois pela sua fé gerou na terra o próprio Filho de Deus. Pelo poder do Espírito Santo acreditando sem hesitar no mensageiro divino deu à luz o Filho, a quem Deus constituiu primo-

génito entre muitos irmãos, isto é, entre os fiéis em cuja geração e formação Ele coopera com amor de mãe.

A Igreja, contemplando, a santidade misteriosa de Maria, imitando a sua caridade e cumprindo fielmente a vontade do Pai, pela palavra de Deus fielmente recebida, torna-se também ela Mãe pela pregação, e pelo batismo gera, para uma vida nova e imortal, os filhos concebidos do Espírito Santo e nascidos de Deus. E é também virgem que guarda a fé jurada ao Esposo, íntegra e pura, e à imitação da Mãe do seu Senhor, conserva pela graça do Espírito Santo, virginalmente íntegra a fé, sólida a esperança, e sincera a caridade.

Dizem velhos manuscritos...

(Continuado da página três)

migueiro interminável coleava, subindo lentamente a encosta até meio quilómetro da Senhora das Preces.

Se, juntando-se-lhe um outro não menos numeroso, vindo das bandas de Aldeia.

E ao ver este espectáculo, cheio de cor e ao mesmo tempo animado pela fé que, naquela idade, talvez visse pela primeira vez, olhava tudo cheio de admiração porque na sua curta vida ainda não tinha visto tanta gente!

E ainda ele não podia ver, de ali, os que vinham das bandas de Vide, canal por onde passavam também os que vinham de Seia e Gouveia e ainda os da Covilhã, Tortozendo, Fundão e Guarda.

No domingo do Espírito Santo a sua admiração subia, decerto, ao máximo.

Seu pai que, logo ao nascer do sol, tinha ido a Vale de Maceira com os seus dois filhos mais velhos assistir a uma das muitas missas rezadas que se celebravam antes da missa festiva que era cantada, tinha regressado a casa. O jantar era servido mais cedo que habitualmente para toda a família, se preparar a tempo de poder assistir à procissão.

Depois de jantar lá iam todos.

Um quarto de hora depois estavam na Senhora das Preces.

Quem não cabia em si, de contente, era o nosso pequeno romeiro. Os seus olhos não se cansavam de tudo ver e tudo observar...

Ao chegarem, a missa ainda não havia terminado e gente, bastante gente, por já não caber na igreja, acumulava-se em frente da porta principal e da porta lateral.

Algum tempo depois a cerimónia acabou; e a multidão, saindo da igreja, foi enchendo o adro que, dentro em pouco, era já pequeno para conter tanta gente.

A multidão começa, então, a es-

rpaiar-se para os lados da capelita de Santa Maria Madalena que, ao tempo, ficava debaixo da carvalha grande, a 50 metros ao Norte da igreja, e vai subindo pela encosta onde hoje vemos a Fonte Monumental.

A família de Manuel João da Fonseca, enquanto este entra na igreja a fim de se encorporar na procissão, vai tomar lugar na mesma encosta para de lá assistir à grandiosa manifestação de fé.

De aí podia o pequeno Paulo ver aquele mar de gente que por toda a parte se comprimia, sem que fosse necessário estar, às cavalitas, nos ombros de seus irmãos António, ou ao colo de sua mãe Maria Rodrigues. De ali, tudo podia ver sem incómodo para ninguém.

Finda a procissão, terminou para ele a festa e regressou a casa com sua mãe, tendo tudo o que vira bem presente na sua mente.

Porém, o que mais vivamente o impressionou, de tudo quanto viu naquelas vinte e quatro inesquecíveis horas, foi, sem dúvida, a visão dolorosa de muitos peregrinos que cumpriam as suas promessas, arrastando-se, de joelhos, em volta do templo da Virgem, esquecidos das dores que lhes causavam as feridas que se abriam e sangravam abundantemente, marcando a vermelho o caminho que iam seguindo. E tantas deles tinham andado, a pé e por serra, dezenas e dezenas de quilómetros!...

E quantas não vinham já, de joelhos, desde que, a meio quilómetro, avistavam o templo!

Grande, extraordinariamente grande devia ser a gratidão daquelas almas para suportarem sem um queixume, antes pareciam contentes, todo aquele penoso sacrifício.

(continua)

Coronel DIAMANTINO AMARAL